

Deslizando da margem à correnteza: a mobilidade da canoa na arte da educação ambiental

Sliding from margin to the flow: the mobility of canoe in the art of environmental education

Imara Pizzato Quadros¹, Michèle Sato² e Lúcia Shiguemi IzawaKawahara³.Universidade de Universidade Federal de Mato Grosso (Brasil)

Resumo

Cultura e ciência pelas mãos da educação ambiental é a proposta do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte por meio de um projeto internacional relacionado com a avaliação ecossistêmica do milênio. Partindo da premissa que nem tudo vira mercado, a pesquisa teve a fenomenologia como metodologia e a meta de interpretar a feita de uma canoa à luz da cultura local. Para além de um instrumento de mobilidade, a canoa pode ser interpretada como uma escultura de arte da expressão mais da cultura local, que deve ser reconhecida como um saber popular e que confere a identidade de uma região.

Astract

Culture and science in the hands of environmental education is the proposal of the Research Group on Environmental Education, Communication and the Arts through an international project related to the Millennium Ecosystem Assessment. Assuming that not everything turns market, this research had the phenomenology as a methodology, and aims to interpret the making of a canoe in the light of local culture. Transcendent a simple mobility tool, the canoe can be interpreted as an expression of art sculpture belonging to the local culture, and should be recognized as a popular knowledge, which can shape the identity of a region.

Palabras chave

educação ambiental, arte popular, serviço ecossistêmico

Key-words

environmental education, popular art, ecosystem service

1 Estudante de doutorado em Educação, mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso e Arte Educadora Ambiental do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) - imarapquadros@gmail.com.

2 Pesquisadora, Professora e Orientadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.

3 Estudante de doutorado em Educação, mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso e Analista de Meio Ambiente da Secretaria de Estado do Meio Ambiente – SEMA/MT.

Natifúndio é um lugar em que nadas... o nada destes natifúndios existe e se escreve com letra maiúscula. [...] Aqui pardais descascam larvas.

Vê-se um relógio com o tempo enferrujado dentro. E uma concha com olho de osso que chora. Aqui, o luar desova... Insetos umedecem couros e sapos batem palmas compridas...

Aqui, as palavras se esgarçam de lodo.

[Fragmento do poema *Guardador de águas* de Manoel de Barros]

O “natifúndio” é um neologismo criado pelo poeta Manoel de Barros, para se referir à abundância de águas no Pantanal, como um comparativo ao latifúndio¹ das terras. Possivelmente o poeta não quis abarcar a dimensão política das disputas pelas águas, conflito crescente a cada dia em todo o mundo, e que hoje representa um dos grandes desafios da humanidade. Convém sublinhar que a Convenção Ramsar (1971)² buscou proteger as áreas úmidas, reconhecendo serem extensões minoritárias, mas essenciais à dinâmica da biodiversidade, da regulação climática, da mobilidade das espécies migratórias, do combate aos processos de desertificação e da proteção das reservas hídricas, além de outros importantes processos da sustentabilidade planetária.

1 *Do latim (latifundiu), latifúndio é um grande domínio particular de terras caracterizado pela concentração desequilibrada de rendas. Motivo de disputas da terra, é um dos grandes fatores dos conflitos socioambientais das terras amazônicas, que abarca o estado de Mato Grosso, lócus de nossa pesquisa.*

2 Ramsar Convention: http://www.ramsar.org/cda/en/ramsar-about-about-ramsar/main/ramsar/1-36%5E7687_4000_0__

Sobre as águas pantaneiras, este texto navega no Pantanal de São Pedro de Joselândia, no município de Barão de Melgaço em Mato Grosso, Brasil. Joselândia é um destes lugares que o canto das águas se mistura com a festa das estrelas. Sem precisar de portos, cada curva pode ser a parada necessária para compreender o significado de “áreas úmidas”. Na rota que se desenha, talvez a aventura nem tenha um final, pois o contato com a água faz o imaginário borbulhar de ideias, sentimentos e esperanças.

O espaço investigativo escolhido, assim, possui ecos do local ao global; do cotidiano da gente do Pantanal que vive na natureza; de serviços ecossistêmicos e de “desserviços sistêmicos”; além da corajosa aliança em tentar temperar o mundo das ciências frias com a poética da arte. Três tendências mundiais são guarda-chuvas nesta pesquisa do Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)³:

3 *O Projeto intitulado “Ciência e cultura na reinvenção educacional” tem apoio financeiro do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Áreas Úmidas – INCT/INAU/CNPq/MCT, e é aliado à rede mundial “sub-global assessment” [SGA] da Avaliação Ecossistêmica do Milênio, fazendo interface com o Projeto “Mapeamento Social das Identidades e Territórios de MT” com apoio financeiro da FAPEMAT.*

- (1) A **Avaliação Ecosistêmica do Milênio** (AEM)⁴, que propõe um estudo de bem estar humano considerando os serviços de SUPORTE (fotossíntese, ciclo de nutrientes, solo, etc.); de PROVISÃO (alimentos, madeira, fibras, etc.); de REGULAÇÃO (controle climático, saúde, resíduos, etc.); e de CULTURA (estética, religião, recreação, arte, entre outros).
- (2) A **Rede Brasileira de Justiça Ambiental** (RBJA)⁵, associada ao elo internacional, que busca compreender os impactos ambientais relacionados aos dilemas sociais, reconhecendo que os grupos sociais vulneráveis são os mais atingidos nos processos de deterioração ambiental e busca o “empoderamento político” destes grupos marginalizados da economia perversa.
- (3) E o **Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global** (TEA)⁶, escrito pela sociedade civil durante a Eco92, que hoje orienta os princípios das redes de educação ambiental na América Latina e principalmente no Brasil.

É essencial sublinhar que muitas vezes estes movimentos se divorciam, embora

4 <http://www.maweb.org/en/index.aspx>

5 <http://www.justicaambiental.org.br/justicaambiental/>

6 <http://tratadodeeducacaoambiental.net/index.php?menu=otratoado>

na maioria das vezes seus discursos sejam consensuais quando trata da relação de justiça social e proteção ecológica. Enquanto a primeira vertente traz um viés antropocêntrico, inclusive de nomenclatura, como “recursos naturais”, “serviços ecossistêmicos”, e de usos e talvez abusos da utilização da natureza pelo humano, a segunda coaduna com este viés, dando ênfase na condição humana em detrimento da biodiversidade. Todavia, é na orientação do Tratado que equilibramos os exageros, aprendendo a lidar com as arestas e, sem temer o caos, reinventar novas formas de ultrapassagens das violências de nossas eras, acreditando na força da educação ambiental.

A pesquisa tem o objetivo de compreender os serviços ecossistêmicos, com ênfase na dimensão cultural de Joselândia, visando incluir os modos de vida da comunidade, por meio do universo etnográfico da biorregião; e de que maneira a educação ambiental poderia corroborar nos processos decisórios de políticas públicas para melhorar as condições de vida do Pantanal. A porta de entrada para esta meta foi compreender a canoa pantaneira, que para além de uma mobilidade de transporte na época da cheia, e também para além de um serviço ecossistêmico, representa uma escultura da arte na mais vigorosa expressão da cultura.

Assim como Manoel DE BARROS nomeou poeticamente de ‘nadifúndio’ um lugar do

nada [Pantanal], tomamos sua ideia surreal numa primeira vista e para aqueles que não perambulam pelo mundo sensível com frequência, a ideia de revelar iconografias de canoas pantaneiras, pode parecer um nada. No mínimo para estes seres que só têm consciência racional, a pergunta mais imediata seria: “Para que serve uma canoa, além de se prestar para o pobre pescador conseguir o seu minguado pescado?”. Em um mundo urbano por vezes centrado no consumo industrial, a pergunta poderia ser: “De que serve uma canoa esculpida à mão?”. Foi justamente sobre um detalhe quase invisível ao mercado que esta pesquisa tentou compreender o significado de uma canoa feita a mão. Aliás, feita por várias mãos, mentes e corações dos mestres da canoa.

Na cartografia do imaginário, SATO (2011) entrelaça os quatro elementos bachelardianos como substratos fenomenológicos para uma investigação, e usa a metáfora dos quatro elementos naquilo que Bachelard considera sobre o processo de aprendizagem: formação [ÁGUA] – deformação [TERRA] – transformação [FOGO] – reformação [AR].

Foi com base nesta cartografia que se criou os quatro subtítulos deste artigo. No primeiro item intitulado por “**ÁGUA: gênese do desejo e os contornos primeiros da pesquisa**”, a intenção foi expor algumas ideias e dados primeiros do bojo da pesquisa, com o intuito de ofertar contor-

nos ao caminhar do estudo. No segundo, “**TERRA: deformando obstáculos para um caminhar da pesquisa**”, o propósito foi romper os próprios obstáculos epistemológicos e vencer os preconceitos cristalizados, bordando assim um pensamento, um olhar e um caminhar para a empreita investigatória. Este bordado se apronta na medida em que contribui com a necessária deformação do pesquisador em processo de pesquisa. No terceiro fragmento, “**FOGO: a dança dos conhecimentos**”, a proposição foi abrir-se aos múltiplos caminhos, na possibilidade de poderem ou não, ser incorporados na pesquisa, perspectivando apresentar por onde se trilhou ao caminhar no campo de investigação, e o que se conseguiu de informações, tecendo uma rica urdidura investigatória. No último fragmento, intitulado “**AR: outro caminho a caminho**”, a ideia foi revelar o esboço de uma reformação, ou seja, em que ponto se chegou e para onde se desenha as reflexões e os caminhos da pesquisa.

ÁGUA: gênese do desejo e os contornos primeiros da pesquisa

As pessoas se expressam, portanto, comunicam seus sentimentos e leituras de mundo [significações] de uma maneira ampla, ou seja, envolvem formas expressivas no plural, e não apenas de uma

maneira no singular. Estas manifestações diversas não se encontram confinadas no território da oralidade e da escrita [expressão instituída], mas se presentificam um vasto repertório de expressões corporais, sonoras e imagéticas, ou como preferem alguns estudiosos, um variado mundo de expressões não verbais [expressões instituintes]. Cada grupo social cria e estabelece formas próprias de vida na relação com o lugar onde vivem que são comunicados por diferentes formas.

“O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado[...]. Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto” (GERTZ, 1989: 15 e 24).

A Arte se apresenta como uma das formas mais significativas de Comunicação e de Expressão humana, apresentando na sua possibilidade existencial, a dimensão sensível, criativa e crítica, revelando um valor que deve importar muito à ciência voltada para a educação. A área artística pode aju-

dar na revelação de uma abertura para se redesenhar o cotidiano, pois no universo da Arte não há o certo ou o errado; o bonito ou o feio; o melhor ou o pior; o superior ou o inferior - rompendo com as dualidades, há sempre belezas pelos diferentes, pelas outras maneiras, ou pelos múltiplos caminhos.

A Arte Popular é uma forma de expressão que desvela uma sensibilidade estética local e própria, ou seja, não é uma estética com fins econômicos como propõe o mundo industrial-capital, pois estes produtos são feitos para atender numa primeira instância as necessidades da vida cotidiana de uma comunidade. Mas é fato que na contemporaneidade estes produtos se prestam também para atender a sobrevivência econômica de quem os produz, através da venda da produção, geralmente em pequena escala, ou como preferem alguns, uma produção artesanal de “fundo de quintal”.

Compreendemos que “comunidade refere-se à reciprocidade que se estabelece entre indivíduos que partilham territórios físicos ou simbólicos” (AVANZI & MALGODI, 2005, p.95). A cultura também é um dos referenciais definidores da identidade, pois “a identidade é considerada como decorrente do modo de vida e dos bens simbólicos que o indivíduo consome e produz” (PENNA, 1998: 98).

A arte reconhecida como popular expressa uma identidade local, uma tradição, um

jeito de ser e estar historicamente construído (BHABHA, 1998; HALL, 2005; BAUMAN, 2005), sempre contado pela ótica do fazedor, que é o artista popular, por meio da sua criação. Isto posto se conclui que a arte popular é uma expressão que revela o ser humano na ótica do feito à mão, grande valor deste produto para o bem estar da humanidade. Angela MASCELANI, estudiosa da arte popular brasileira afirma no site do Museu Casa do Pontal que:

“No Brasil, costuma-se chamar de “arte popular” a produção de esculturas e modelagens feitas por homens e mulheres que, sem jamais terem frequentado escolas de arte, criam obras de reconhecido valor estético e artístico. Seus autores são gente do povo, o que, em geral, quer dizer pessoas com poucos recursos econômicos, que vivem no interior do país ou na periferia dos grandes centros urbanos e para quem “arte” significa antes de mais nada, trabalho”.

Ainda segundo a autora (op. cit), a arte popular está densamente arraigada na cultura brasileira, revelando o modo de vida das comunidades, suas expressões, desejos, economia e até as interpretações individualizadas de experiências singulares. Por isso, BARTHES (1970) foi feliz em publicar um livro sobre mitologias (no plural), já que

a arte manifesta-se também pelo social e pelo imaginário; pelo mito fantástico ou pelo mito cotidiano; pelo mito criado ou meramente reproduzido. Interpretar uma arte é também interpretar o significado dos objetos culturais, que possuem um forte poder de comunicação por diferentes meios. Objetos de palha, madeira, barro ou tecido... Na cerâmica, pintura, desenho ou escultura, e em tantas demais formas de manifestações artísticas que encerra um universo simbólico de culturas.

Um destes objetos culturais que nos atraiu foi a canoa produzida em Joselândia, hoje constituindo-se objeto de pesquisa do Doutorado de Imara Quadros, artista e educadora ambiental, criadora das reinvenções mágicas e outras feitiçarias artísticas. É no tempo das águas, e na sinergia com a umidade do ar, que os canoeiros de Joselândia fazem canoas. Para além da pesca ou do transporte, uma canoa pantaneira transcende o significado material, e torna-se uma expressão da arte, fincada na cultura imaterial de um patrimônio pantaneiro que teve o matrimônio com a beleza natural.

O tempo das águas (fevereiro) é a época da “feitura” da canoa; e a arte está na possibilidade de sonhar sem precisar dormir. De cantar sem a necessidade de ser afinado nas cordas de um rio, ou de dançar nas águas que se ondulam pela passagem da canoa (SATO, 2011).

7 <http://www.popular.art.br/htdocs/def-Texto.asp?artigo=286>.

Lá neste Pantanal de Mato Grosso, as feitura das canoas são realizadas por Mestres que aprenderam este saber com os mais velhos, que desde sempre se propuseram ensinar aos mais jovens interessados, no próprio momento do fazer. A canoa do Pantanal de Joselândia é esculpida a partir de um único tronco de árvore, onde é derrubada, cortada e depois escavada com instrumentos específicos até atingir sua forma final e servir como extensão do próprio corpo desta gente, no tempo das águas.

Para esta feitura, o Mestre necessita realizar o processo na época das águas [chuvas] e em duas ambiências de trabalho. A primeira etapa é toda feita na ambiência líquida [ateliê Água] onde é realizado o trabalho mais amplo, ou seja, cortes iniciais dados ao tronco para chegar à forma primeira da canoa. E na ambiência seca [Ateliê Terra] se realiza um lapidar detalhado, ofertando o acabamento da canoa.

No âmbito das pesquisas teóricas, empreendemos as leituras de livros e documentos, na intenção de um vasculhar identitário mato-grossense, ou seja, se a canoa se prestaria e ou se prestou a ser tomada como uma expressão artística-cultural do estado de Mato Grosso. Este desvio investigatório que o caminhar da pesquisa apontou, pareceu oportuno no sentido de ampliar o olhar das pesquisadoras para os limites do foco da pesquisa.

Ao vasculhar a obra “Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas” de Hércules FLORENCE, encontramos imagens que mostram, descrevem, ou ilustram canoas. Algumas em forma de arte do tipo gravuras feitas pelo próprio autor em trânsito, outras tantas via texto escrito. Mas foi nas páginas 267 a 271, que há um relato da feitura de uma canoa de Tacuri nas proximidades do rio Juruena [MT] e que excitou a curiosidade em investigar as ruas de Cuiabá. A feitura é descrita de forma objetiva, mas percebe-se que a maneira de fazer, se aproxima do saber fazer canoa de Joselândia. Segundo Vicente FERREIRA (2001: 209) a cultura mato-grossense reveste-se de mil roupagens:

“Temos ainda o artesanato em madeira. Típico das localidades ribeirinhas do rio Cuiabá, sendo um exemplo, o feito de canoas de pesca e remos. Antigamente, nos tempos mais remotos dos bandeirantes, era usado o sistema indígena de fazer canoa de casca de Jatobá. [...] O canoeiro utiliza-se tão somente da madeira denominada Ximbuva ou Cambará, macia e fácil de escavar”.

No livro intitulado “Cultura mato-grossense” escrito por Roberto LOUREIRO, (2006:172) ao abordar sobre “artefatos em madeira e fibras vegetais”, o autor revela que:

“A madeira é um material muito utilizado no artesanato regional. [...] Fabricam-se também canoas comuns, montaria (canoa que só cabe uma pessoa)

e batelões (canoas muito grande), de madeira, como a chimbuva, arapotanga, cedro e a canafístula”.

Uma reflexão crítica surge de nossas vivências em Joselândia, contrapondo o que CAMPOS FILHO (2008) descreve sobre os “pequenos produtores artesãos” na obra “Diversidade sócio-cultural em Mato Grosso”, afirmando que “*essas atividades se caracterizam pela confecção de artefatos e produtos variados, criados individualmente e manualmente*” (p. 82). Em primeiro lugar, nem sempre os artefatos são criados individualmente, como no caso da canoa de Joselândia. Ainda que tenha um mestre orientando os trabalhos gerais, o trabalho coletivo é necessário. Não apenas pela força motriz dos pesos, mas sobremaneira no cálculo do corte, no ritmo conjugado entre uma machadada e outra, nas mãos conjuntas para se limar a faca gigantesca, ou ainda no ritmo e na pausa de uma boa conversa enquanto há trabalho. Por tudo isso, dificilmente se vê somente o “produto final” da canoa, mas essencialmente o processo da feitura, destes movimentos pulsantes nas águas do Pantanal reconhecidos apenas por quem presencia a sinergia pulsante nos universos cósmicos na feitura da canoa.

Todavia, vale ressaltar de que há muitos pantanais em Mato Grosso, para muito além dos pantanais sempre indicados [Paraguai, Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço]. Se considerada a questão cultural in-

trinsecamente ligada à natureza, pode-se perceber que dentro destes grandes pantanais há pequenos outros, por exemplo, Joselândia é apenas um dos pantanais que compõem o pantanal de Barão de Melgaço. O fazer canoa é do pantaneiro seja do Mato Grosso ou de Mato Grosso do Sul, mas provavelmente há certas diferenças culturais inerentes de cada região. Talvez seja por esta razão que nas leituras sobre o bioma pantaneiro se tem encontrado muito a referência ‘mosaico’, pois conhecendo in loco fica compreensível considerar pequenos pantanais compondo a tessitura do grande mosaico do pantanal mato-grossense.

TERRA: deformando obstáculos para um caminhar da pesquisa

Toda viagem, seja investigativa ou imaginária, necessita de rumos possíveis, sejam eles percebidos, sonhados, desejados, amados, escolhidos e até mesmo, os que nem se quer foram pensados. Por esta razão, nesta viagem de cunho científico se optou pela *Cartografia do Imaginário* (SATO 2011), que tem o intuito de ajudar o pesquisador no seu trajeto de pesquisa.

A pesquisa é uma viagem científica de aprendizagens singulares e infinitas com

uma cartografia como um roteiro com todo o rigor acadêmico e com toda a sensibilidade necessária para um trajeto sensível e crítico. A Cartografia propõe uma viagem científica de aprendizagens singulares e infinitas, e que talvez jamais consigamos responder velhas e novas perguntas sobre os universos que habitamos - ou de um multiverso em plena descoberta! Uma aventura em risco, onde cada qual escolherá o seu itinerário de pesquisa. É um documento que se presta como um 'fio de Ariadne' que guia o pesquisador pelos labirintos da pesquisa, pelas avenidas e ruas da investigação.

Assim compreendendo a cartografia do imaginário, como uma ajuda ao pesquisador que trilha pelos labirintos da sua pesquisa, é que se está conseguindo seguir sem perdas, mas com a firme orientação para que se vá e volte ou se vá sem retorno pelo mesmo caminho, mas trilhado sempre rumo a construções e aprendizagens para as reflexões necessárias da pesquisa. É um texto-mapa que se coloca flexível e aberto para que o novo venha povoar a empreitada investigatória. É com esta cartografia que seguimos o caminho descobrindo.

O texto cartográfico deve abordar um campo investigativo que exige uma enorme responsabilidade e grau de compromisso para além de nós mesmos. Pois, uma pesquisa é um labirinto, que ao buscar conhecimentos, reconstrói a condição

humana em querer mudar a vida, reinventando a paixão! Dessa forma, é uma proposta que coaduna com o alvorecer de um diálogo pós-moderno. Considerando a cartografia do imaginário, o que importa é a rota escolhida e a viagem empreendida com tudo que envolve uma viagem sensível-científica.

Nas trilhas da cartografia do imaginário, o campo axiomático é verdadeiramente a origem das demais dimensões da pesquisa. Por meio da ética de valores, compreendemos que uma pesquisa em educação ambiental tem seu compromisso político e ecológico. Esta **dimensão axiomática** constitui-se, assim, como uma raiz de uma árvore à procura da água, ou um alicerce que sustentará a pesquisa com todos seus erros, quiçá também com todos os seus acertos.

Os estudos mais densos tornam-se necessários à luz de um patrimônio investigativo e o caule que brota destas raízes ideologicamente comprometidas é a **dimensão epistemológica** que vai sustentar a árvore. É possível que haja um eixo central, sustentáculo primordial dos conceitos a serem produzidos ou meramente reproduzidos. Daí parte novos galhos, ramos menores, bases teóricas que dialogam e se intercomunicam, estabelecendo um diálogo de saberes que se florescem e quiçá se frutifiquem como possibilidades epistemológicas.

Da frutificação, a prática refletida na teoria encontra assim, a **dimensão praxiológica**

da propagação da semente. Do fruto que a protegia, a semente leva a saudade do sabor, mas o desafio será encontrar novas terras férteis para que o ciclo se reinicie. As brisas que levam as sementes, entretanto, reconhecem que nem toda terra poderá ser semeada. Mas é do caos que emerge a vontade de se erguer, lambendo as feridas e ainda que a dor seja forte, um recomeço avaliativo é a dose certa para o ciclo não se interrompa, mas que novas trajetórias podem ser lançadas na pesquisa.

Há muito as civilizações vieram produzindo arte e ciência, porém, no viés cartesiano, como confirma BUORO (1998:29) *“fizeram com que se acreditasse que só a ciência era capaz de validar o conhecimento humano e a evolução da sociedade, restando para arte ficar confinada numa espécie de piquete estético das formas e sensibilidade”*. Hoje, contrariamente ao pensamento moderno, se busca conhecer o ser humano como um todo, incluindo suas relações com a natureza e com todos os saberes. O que justifica a presente pesquisa em Educação Ambiental, é que ela *“é bilíngue – traz a linguagem científica dos conceitos, próxima à linguagem poética do sentido subjetivo”* (SATO, GAUTHIER E PARIGIPE, 2005:113).

A educação ambiental deve ser historicamente acumulada e densamente transgressora, para que as múltiplas racionalidades se encontrem com a paixão, o brincar e a imaginação nos seus

desejos de renovação e dialoguem com as ancestralidades que os ventos, os rios e os mares escrevem nas paisagens brasileiras e sul-americanas. (SATO, GAUTHIER E PARIGIPE 2005:107)

Para SATO (op. cit.), a cartografia do imaginário tem a fenomenologia do imaginário de Gaston BACHELARD como substrato de inspiração existencial. A fenomenologia proposta por ele revela uma ponte que possibilita a ligação entre duas culturas até então consideradas em separadas: científica [Razão] e a humanista [Poética]. Este filósofo propõe a junção destas duas partes com igual simetria e força, pois, afirma ele que uma não exclui a existência da outra, embora muitas vezes se revelem opostas. O que ocorre, aponta ele, é que estas duas forças se encontram no exato momento da imaginação criadora. Diz o filósofo-educador que o que se procura na ciência e na poesia juntas, é um fio entre o humano e mundo. Se considerada a fenomenologia com base em BACHELARD, se encontra eco para tornar a poesia e a ciência complementares, entrelaçando-as como dois contrários perfeitos. O que se busca exercitar ao trilhar pelo território da pesquisa é não deixar ocorrer suturas entre razão e sensibilidade, entre razão e poética, entre imagem e escrita, e entre a Ciência e a Arte.

Se a racionalidade for mesmo inteligente, ao invés, de afastar a subjetividade [ou mantê-la distante], irá acolher a diferença, potencializando o diálogo entre

elas. Por certo será um diálogo tensivo, e oxalá fenomenologicamente inacabado, para que a humanidade perceba que o discurso instituído necessita ser reconstruído sob uma perspectiva mais instituinte (SATO, 2009:17).

BACHELARD (1993:4) afirma que a imagem é produto da união da realidade com a subjetividade, uma dádiva da consciência ingênua [fenomenologia da imagem], de documentos [concretude] da consciência sonhadora [devaneios]. Para este filósofo, a imagem no sentido poético é um acontecimento do logos [razão sensível], por esta razão, diz que imagem é a expressão criando o ser.

A proposição bachelardiana se desenha pelo imaginário que nada mais é do que a tradução de uma emoção, considerando que as emoções são sensações experimentadas em contato com a matéria [coisas da vida], por isto, se apresenta como força propulsora do que o intelectual chama de imaginação poética.

Com estas bases modelando o caminhar no campo de pesquisa, é que neste artigo se apresentará dois tipos de linguagens, uma escrita, e outra imagética. A palavra revelará a tessitura de forma escrita como solicita a ciência. E o imagético se revelará pela imagem fotográfica, e o que ela mostra como permite a poética. Entendemos como propõe BACHELARD, que a imagem tanto pode ser um texto escrito [no caso

bachelardiano, literário], como pode ser uma imagem fotográfica, pois, ambos revelam por meio de diferentes linguagens, ou melhor, por linguagens especificassem complementaridade, portanto, só podem comunicar de forma mais enriquecedora, e provocar olhares para outras paragens, além de propor a estética.

Vale ressaltar que a famosa tela do surrealista René MAGRITTE, traz um cachimbo pintado. Porém, contraditoriamente, abaixo da imagem está a frase: *“Isto não é um cachimbo”*. Ao fazer a dança dos contrários, este pintor belga provoca que um texto não pode estar em oposição à imagem (e vice-versa). Ambos, texto e imagem, se complementam no título da tela: *“a traição da imagem”*. Entre as mil interpretações possíveis desta obra, o mágico Magritte também nos convida a duvidar das coisas que vemos, lemos ou ouvimos. Aliar texto e imagem é um exercício filosófico que busca eliminar a primazia de uma linguagem sobre as demais, possibilitando o pluralismo de expressões e ideias.

FOGO: a dança dos conhecimentos

Intencionando um vasculhar da canoa noutras paragens, que não na ambiência da feitura, nem dos livros e documentos, buscamos em Cuiabá a iconografia deste

objeto artístico [canoa] presentificado em espaços e tempos cotidianos deste território urbano. Com uma máquina fotográfica na mão, a fenomenologia no olhar, a cartografia do imaginário no caminhar, acompanhadas do forte desejo de desvelar se a canoa é um elemento identitário para além do território úmido de Joselândia e para além do Pantanal mato-grossense, fomos ao rumo de outro campo investigatório.

Munidas de tudo isto, é que se partiu para percorrer ruas tradicionais, avenidas centrais, bairros de importância histórica, bem como, espaços contemporâneos de agrupamento de grande número de pessoas [shoppings]. Na ideia de responder: A canoa estaria representada artisticamente? E se representada, em que linguagens artísticas estariam se mostrando? Em que locais seriam encontradas? Com que possíveis propósitos poderiam estar presentificadas nos espaços encontrados?

CHEVALIER e GHEERBRANT (2003) se referem ao imaginário simbólico como um estimulante da percepção de algo, e ainda consideram que um ícone é a representação da realidade, já que todo objeto que pode ser revestido de valor simbólico. Lembram ainda que cada símbolo é microcosmos, um mundo total que surge do inconsciente criador do ser humano e de seu meio. Afirmam os estudiosos das simbologias, que um mundo de símbolos habita em nós [percebidos ou não], ofertando forma aos desejos e modelando comportamentos.

A imaginação, segundo estes estudiosos, já não é mais a “louca da casa”, mas é inspiradora das descobertas. É nosso simbolizar-imaginar que ofertam formas aos nossos desejos, provocam empreendimentos, esculpem comportamentos, pintando êxitos e derrotas, ou seja, vidas [Figura 01].

Lembram com base em BACHELARD (1993), que a imaginação é irmã gêmea da razão, que ciência e arte despertam com símbolos, ajudando a decifrar enigmas que só os símbolos provocam. Ainda chamam a atenção para alguns defeitos da racionalização, ou como ensina Gaston BACHELARD, dos obstáculos epistemológicos a serem superados, *“nunca se deve particularizar em excesso, nem generalizar com pressa, por que poderão ser fatal para os símbolos”* (p. 34).

É importante ressaltar que a ordem deste itinerário investigatório foi totalmente ale-

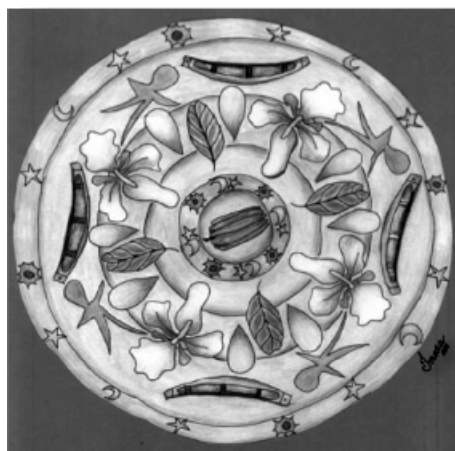


Figura 01: Acervo GPEA/UFMT, Arte Imara Quadros [Figura 01] Cartografia da canoa de Joselândia

atória. Seguindo ruas e avenidas, passamos por um determinado trecho de uma importante via de acesso da capital. No referido trecho foi encontrado um trabalho do tipo escultura mostrando a canoa com um índio e seu pescado [Figuras 02 e 03].

Passando por uma feira popular bastante frequentada pela população local, num setor comercial além das frutas e verduras encontramos um espaço fechado do tipo 'box', que vende material de pesca, e na fachada do estabelecimento deparamos com uma pintura provavelmente de um artista popular, que revela a canoa na ambiência pantaneira [Figuras 04 e 05].

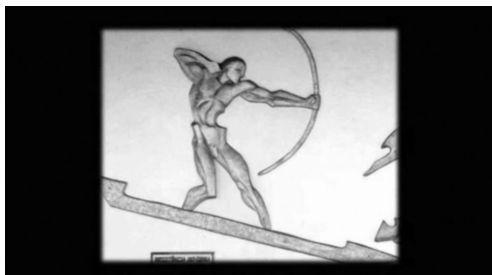
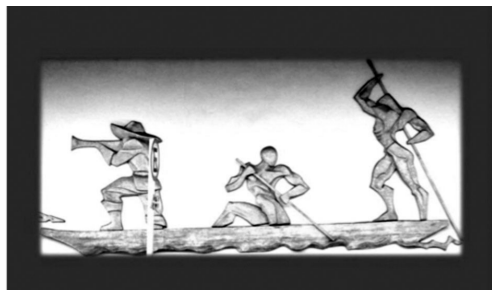
Percorrendo três shoppings da capital de Mato Grosso, descobrimos algumas iconografias. Iniciamos com as encontradas no caminho de acesso de um destes shoppings. São incrustações feitas provavelmente de cimento, nas paredes do corredor que dirige os automóveis para os estacionamentos, e é passagem de pedestres, provavelmente feitas por um artista local [Figuras 06, 07 e 08].

No mesmo local foram encontradas mais iconografias da canoa. Na entrada do setor cinematográfico do referido Shopping, onde se compram ingressos, se exhibe uma instalação de uma canoa que se mostra



Figuras 02 e 03: Acervo GPEA/UFMT, fotografia de João Quadros (Figura 02) Canoa na avenida

Figuras 04 e 05: Acervo GPEA/UFMT, fotografia de João Quadros (Figura 04) Canoa na feira



Figuras 06: Acervo GPEA/UFMT, fotografia de João Quadros. Canoa na feira 2.

Figuras 07: Acervo GPEA/UFMT, fotografia de João Quadros. Canoa no Shopping 1

Figuras 08: Acervo GPEA/UFMT, fotografia de João Quadros. Canoa no Shopping 2

toda em vidro transparente com um pescador e um condutor da canoa [Figuras 09 e 10].

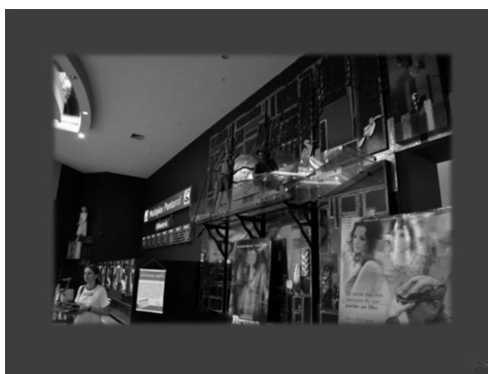
Ainda pelas andanças neste shopping deparamos com as representações de canoas em alguns restaurantes, ornando de diferentes e variadas formas a ambiência da praça de alimentação. Na Imagem 10, uma fotografia preto e branco da canoa exibindo dois pescadores acompanha

pelo poema do poeta Manoel de Barros em um painel de fundo no espaço das mesas do restaurante [Figuras 11 e 12].

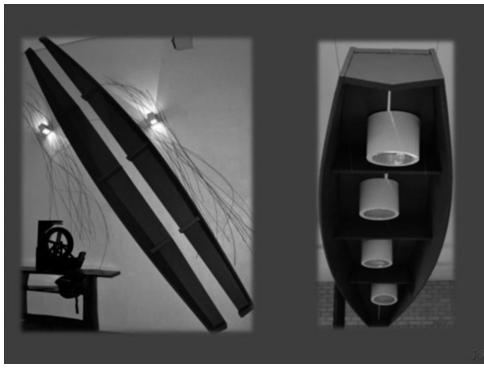
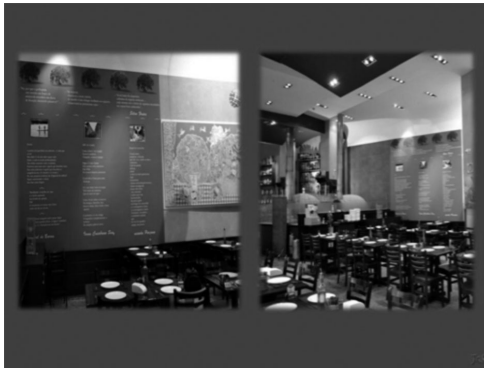
Em outro restaurante deste grande centro comercial, localizamos a canoa compondo o teto (como lustres), nas paredes e no vidro de uma das janelas (como intervenções decorativas) [Figuras 13, 14, 15, 16 e 17].



Figuras 09: Acervo GPEA/UFMT, fotografia de João Quadros. Canoa no cinema 1



Figuras 10: Acervo GPEA/UFMT, fotografia de João Quadros. Canoa no cinema 2.



Figuras 09: Acervo GPEA/UFMT, fotografia de João Quadros. Canoa no restaurante A 1.
Figuras 10: Acervo GPEA/UFMT, fotografia de João Quadros. Canoa no restaurante A 2
Figuras 11: Acervo GPEA/UFMT, fotografia de João Quadros. Canoa no restaurante B 1
Figuras 09: Acervo GPEA/UFMT, fotografia de João Quadros. Canoa no restaurante B 2.
Figuras 10: Acervo GPEA/UFMT, fotografia de João Quadros. Canoas no restaurante B 3
Figuras 11: Acervo GPEA/UFMT, fotografia de João Quadros. Canoas no restaurante B 4
Figuras 11: Acervo GPEA/UFMT, fotografia de João Quadros. Canoas no restaurante B 5

AR: outro caminho a caminho

LOUREIRO descreve que *“A política local do exercício da cidadania fragiliza-se enquanto aumenta o poder extraterritorial do capital globalizado e das forças que movimentam o mercado mundial”* (2005, p. 77). Entendemos que ninguém firma sua identidade em uma face única, mas sim na aproximação e na negação de diversos contextos e papéis que assumimos na sociedade em que vivemos e ainda, na convivência com os outros. Tornamo-nos o que somos no movimento dialético de construção do eu-outro-mundo.

“Sob a ótica da fenomenologia, buscamos construir uma tríade intrinsecamente conectada – eu-outro-mundo. Na esfera individual, entra em jogo nossas próprias identidades e, portanto, nossos próprios valores sociais. Isso implica no reconhecimento de que não estamos sozinhos e nos obriga a considerar a existência de nossas diferenças, a necessidade do diálogo e da compreensão solidária. Juntos, eu e o outro, inserimos no mundo (oikos) sendo unos e múltiplos, simultaneamente” (SATO, LEITE, MADEIROS E RIBEIRO, 2002, p. 58).

Os livros e os documentos tratam da canoa como expressão identitária cultural de Mato Grosso e importante símbolo local. Percebemos a indissociabilidade e a be-

leza da identidade com a percepção ambiental concretizada na figura da canoa. Tal fato revela a importância que atribuímos à Educação Ambiental embasada na ética ecológica defensora do pensamento pós-crítico e sensível como possibilidades da construção simultânea de valores, procedimentos e conhecimentos de sujeitos com identidade própria. Lembramo-nos fortemente das palavras de Paulo Freire que nos encoraja a assumirmos nossa existência social e histórica:

“Como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a ‘outredade’ do ‘não eu’ ou do tu, que me faz assumir a radicalidade do meu eu” (FREIRE, 1996, p.46).

O que pôde ser constatado com o vasculhar urbano da canoa [busca iconográfica], é que ela se coloca como um forte elemento identitário para além de Joselândia e do Pantanal mato-grossense. Nas ruas, restaurantes, lojas ou comércios, a expressão cultural mato-grossense se amalgama pela canoa, em suas variadas reinvenções estéticas que constrói a identidade na recapitulação da arte.

O símbolo da canoa foi encontrado em diferentes lugares, bem como, em variadas

versões artísticas. Porém, o que chamou a atenção foram os espaços em que a canoa foi encontrada. A maioria dos achados se presentificaram em lócus empresariais, sob a forma de ornamento da ambiência, provavelmente com o propósito de sensibilizar o cliente para a questão cultural local. Empresários-empresas se apropriando da imagem [arte-cultura e ambiente] como forma de agregar valor ao seu tipo de serviço vendido.

Mas esta andança serviu para provocar outro desafio com total sentido para a pesquisa. Se a canoa importa muito para arte-cultura de Joselândia e é considerada identidade cultural de Mato Grosso, brotam algumas perguntas que não querem calar...

Do ponto de vista do Milênio, poderíamos afirmar que a canoa custa quatrocentos reais, preço dado pelo mestre da canoa enquanto assistíamos a sua feitura num lindo mês de fevereiro de 2011, com as águas enfeitando nossos imaginários. Sob esta limitante ótica, o preço de uma árvore é dada para satisfazer os desejos humanos e o encantamento da canoa justifica-se na precificação do mercado que tem pressa. Para algumas pessoas, talvez este seja o caminho para construir políticas públicas e ajudar as comunidades do Pantanal.

Do ponto de vista da Justiça ambiental, a comunidade de Joselândia enfrenta certos conflitos socioambientais que carecem

ser mapeados, denunciados e compreendidos à luz da equidade social. A mudança climática afetará a região, dilacerando o efeito esponja de seca e cheia e provavelmente as áreas alagadas sofrerão o inverso do “o sertão vai virar mar”. Não há dúvidas que a população que mais sofrerá será aquela economicamente esbulhada.

Do ponto de vista do Tratado, vários de seus princípios relacionam-se com a nossa pesquisa. Desde seu princípio primeiro de que somos todos educadores e educandos, pela construção de sociedades sustentáveis ou admitindo que a educação ambiental assume diferentes formas do conhecimento. Entre os seus 16 princípios, queremos chamar a atenção ao fragmento 11:

“A educação ambiental valoriza as diferentes formas de conhecimento. Este é diversificado, acumulado e produzido socialmente, não devendo ser patenteado ou monopolizado” (TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, princípio 11).

Porque assumimos que a educação ambiental não é neutra, não queremos atribuir um valor de mercado à canoa. A canoa é tributária da cultura de sua gente e não deve ser patenteada ou precificada por um valor mercadológico que apregoa o desenvolvimento a todo custo.

ADORNO (1991) alertou que sob a égide do capitalismo, tudo pode se transformar em

produto de mercado. Buscando aliança neste pensamento, acreditamos que há valores culturais tão intensos que transcendem o objeto. No lume fenomenológico de nossa existência, admitimos que a canoa adquire um valor imaterial. Para nós, nenhuma economia conseguiria responder o valor de uma canoa, porque não há preço às folhas de um cambará que se enche de orvalho na manhã, que acolhe flores e pássaros em seus ramos, que estende suas raízes para além das terras, e se transforma em uma canoa que desliza nas águas do Pantanal.

Para além de um preço econômico, o Pantanal é ainda um lugar misterioso que une gente e natureza, entre águas e terras que se revezam para formar estradas de paixões que ardem no pôr-do-sol; e de pássaros que cortam o ar no acalento da brisa. A cultura torna-se íntima da natureza, e a arte se alia ao cotidiano de lutas. Talvez carregue tristezas, talvez carregue saudades... Mas encostada na margem, uma canoa consegue rimar paisagem com coragem: de resistir aos avanços de tecnologias frias, de modernidades líquidas ou de urbanidades vazias e persistir na identidade onde as águas constroem novos territórios de um tempo das águas. No Pantanal ou no Araguaia, a canoa desliza com a coragem daqueles que podem ser menos abastecidos pela vida material, mas que a cada transformação das águas, conseguem criar novas táticas para manter as esperanças.

*Canoa, canoa desce
No meio do rio Araguaia desce
No meio da noite alta da floresta
Levando a solidão e a coragem
Dos homens que são
(Milton Nascimento⁸)*

Referências

- ADORNO, Theodor (1991): *The cultural industry*. New York: Routledge.
- AVANZI, M. Rita e MALAGODI, M. A. S. (2005): “Comunidades interpretativas”. Em FERRARO JR., L.A. *Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras(es) Ambientais e Coletivos Educadores*. Brasília: MMA/DEA.
- BACHELARD, Gaston (1993): *A poética do espaço*, São Paulo: Martins Fontes.
- BARTHES, Roland (1970): *Mythologies*. Paris: Seuil.
- BHABHA, Homi (1998): *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- BAUMAN, Zygmunt (2005): *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- BAUMAN, Zygmunt (2003): *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed.
- BUORO, Anamélia Bueno (1998): *O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. 3 ed. São Paulo: Cortez.
- CAMPOS FILHO, Luiz V. (2008): Populações Tradicionais. Em Maria de Fátima ROBERTO [org]. *Diversidade sócio-cultural em Mato Grosso*. Cuiabá: MT-Entrelinhas.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, A. (2003): *Dicionário dos Símbolos*. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olímpio.
- FERREIRA, João C. V. (2001): *Mato Grosso e seus municípios*. Cuiabá: Secretaria de Estado da Educação.
- FLORENCE, Hércules (1977): *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas: 1825 a 1829*. São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo.

- FREIRE, Paulo (1982): "Educação, o sonho possível", em BRANDÃO, Carlos (org) *O Educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal.
- FREIRE, Paulo (1996): *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo (1987): *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GEERTZ, Clifford (1989): *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- GEERTZ, Clifford (2001): *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- HALL, Stuart (2005): *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- LOUREIRO, Carlos F. B. (2006): *O movimento ambientalista e o pensamento crítico: uma abordagem política*. Rio de Janeiro: Quarter, 2ª ed.
- LOUREIRO, Roberto (2006): *Cultura mato-grossense: festas de santos e outras tradições*. Cuiabá – MT: Entrelinhas.
- MASCELANI, Angela. *Arte Popular Brasileira. Museu Casa do Pontal*. [Acesso em 4 maio.2011: <http://www.popular.art.br/htdocs/defTexto.asp?artigo=286>].
- PENNA, M. (1998): "Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento" em SIGNORI, I. (org). *Língua(gem) e identidade: elementos para Uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras.
- PASSOS, Luiz A. e SATO, Michèle (2005): "De asas de jacarés e rabos de borboletas à construção fenomenológica de uma canoa" em SATO, M. e CARVALHO, I. (org), *Educação Ambiental – pesquisas e desafios*. Porto Alegre: Artmed, pp. 213-232.
- REID, Walter (Eds.) *Millennium ecosystem assessment*. Tokyo: [Acesso em Abril 15, 2010: <http://www.millenniumassessment.org/en/Scenarios.aspx>]
- SATO, Michèle, GAUTHIER, Jacques; PARIGIPE, L. (2005): "Insurgência do grupo pesquisador na educação ambiental sociopoética", em SATO, M. e CARVALHO, I. (org) *Educação Ambiental – pesquisas e desafios*. Porto Alegre: Artmed.
- SATO, Michèle; LEITE, Mário C. S.; MEDEIROS, Heitor e RIBEIRO, Luís C. (2002): "Diversidades Poéticas no Pantanal", em SATO, M (coord). *Sentidos Pantaneiros: movimentos do projeto Mimoso*. Cuiabá: KCM, pp. 58-72.
- SATO, Michèle (2011): "Canoa: escultura do tempo das águas" *Revista Sina*, março, [<http://www.revistasina.com.br/portal/articulas/item/169-canoa-escultura-do-tempo-das-%C3%A1guas>].
- SATO, Michèle (2011): "Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa" em ABÍLIO, F. (Org.) *Educação ambiental para o semiárido*. João Pessoa: EdUFPB, pp. 539-569.
- SILVA, Regina; SATO, Michèle (no prelo): "Do invisível ao visível: a construção de identidade na ecologia de resistência" em SANTOS, J. ; ZANIN, E.; MOSCHINI, L. (Orgs.). *Faces da polissemia da paisagem: ecologia, planejamento e percepção*. São Carlos: Rima.



A imaxinación ao poder. Nenos en Ucuma (Angola)

© Xosé Manuel Malheiro